

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA NORMAL SUPERIOR - ENS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**POR UM IDEAL LIBERTÁRIO: LITERATURA E GUERRA
COLONIAL EM *AS AVENTURAS DE NGUNGA*, DE PEPETELA**

SAMANTHA KELLY NONATO DA SILVA

MANAUS – AM

2017

SAMANTHA KELLY NONATO DA SILVA

**POR UM IDEAL LIBERTÁRIO: LITERATURA E GUERRA
COLONIAL EM *AS AVENTURAS DE NGUNGA*, DE PEPETELA**

Artigo apresentado à disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras III do Curso de Letras da Universidade do Estado Amazonas – UEA pela aluna Samantha Kelly Nonato da Silva como requisito parcial para a obtenção de graduado em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Dra. Renata Beatriz B. Rolon.

MANAUS – AM

2017

**POR UM IDEAL LIBERTÁRIO: LITERATURA E GUERRA COLONIAL EM AS
AVENTURAS DE NGUNGA, DE PEPETELA**

Samantha Kelly Nonato da Silva (UEA)¹

Dra. Renata Beatriz B. Rolon (UEA)²

RESUMO: Falar da literatura angolana é falar, entre outras coisas, de luta, resistência, identidade cultural, memória e busca pela independência. Nesse prisma, o presente trabalho tem como objetivo analisar e discutir a importância da obra *As aventuras de Ngunga* (1980), de Pepetela, dentro do contexto de guerra e da própria literatura angolana, além de identificar o modelo de guerrilheiro idealizado pelo autor, representado na personagem Ngunga. A construção do artigo nos permite ampliar os olhares para a obra analisada com vistas a compreender como a literatura atou e ainda atua na (re)construção da identidade de uma nação recém liberta do jugo colonial.

Palavras-Chaves: Literatura angolana; Ngunga; Pepetela; Guerra.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa na Universidade do Estado Amazonas.

² Professora Doutora em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa (UEA).

Considerações iniciais

Ao falar do angolano Pepetela em seu artigo *Pepetela e as (novas) margens da nação angolana*, Inocência Mata o descreve como “sociólogo por formação, historiador por vocação”. Isso porque o conjunto de sua obra tece um diálogo entre literatura e história. Em suas páginas, observamos a profundidade de suas pesquisas para compor as narrativas, além do caráter testemunhal e até biográfico que muitas vezes se encontram ali.

Para compor o *corpus* deste trabalho convocamos a obra debutante de Pepetela, *As Aventuras de Ngunga* (1973), que está inserida no contexto da guerra colonial vivida por Angola. Embora seja difícil delimitar um objeto de estudo, quando falamos em África, visto a sua pluralidade e grandeza historiográfica e geográfica, este estudo se debruçará somente sobre Angola, sobre a guerra colonial, período em que Ngunga viveu – entre os anos 1971 e 1972. Faz-se necessário também reconstruirmos a linha do tempo, para tentarmos entender como tudo começou e, sobretudo, compreender por que Pepetela enxergou a necessidade de criar uma personagem para motivar os guerrilheiros do movimento de libertação.

A obra em questão se faz necessária a partir do momento em que o autor se torna combatente de guerra e identifica as necessidades das crianças angolanas que viviam no interior do país, especificamente na zona rural. Temos, então, o papel pedagógico, mas que não se limita a isso. Na novela de Pepetela, identificaremos a gênese da literatura infantojuvenil angolana, importante naquele momento e nos dias atuais. Ela é relato ficcional da Guerra Colonial e testemunho da libertação.

Como referencial teórico utilizou-se a crítica de Mata (1999), para tratarmos da obra de Pepetela e Campos (2002), para referenciar a obra analisada, além de Manuel Jorge (2006), Assis (2008), Brandão (2008) e Rolon (2011). Os autores selecionados foram utilizados para dialogar com a obra de Pepetela, no intuito de corroborar com a análise literária proposta.

No Brasil, o campo dos estudos literários em literatura africana de língua portuguesa está ainda em crescimento. Tendo em vista a contribuição para esse progresso, espera-se que o presente trabalho possa ampliar o olhar para a produção literária desse continente, sobretudo Angola e que, dessa forma, o diálogo em torno destas questões ganhe cada vez mais espaço.

1. A fissura da colonização e a literatura em Angola

Falar da literatura em África é falar, entre outras coisas, de luta, resistência, identidade cultural, memória e busca pela independência. Os países africanos colonizados pelos portugueses encontraram nos textos – jornalísticos e literários – um caminho para o processo de libertação da nação. Desde o final do século XIX, a imprensa cedeu lugar aos homens letrados que buscavam espaço para o discurso político que defendia a autonomia africana. Neste embate, literatura e jornalismo se entrelaçam para impulsionar os movimentos de libertação nas colônias portuguesas nesse continente.

Os jornalistas e escritores decidem não só exprimir o seu apego aos valores culturais africanos como também denunciar a política de assimilação praticada pelos portugueses. Mas é durante o século XX que as gerações vão prosseguir a obra de contestação, até então pacífica, do projeto cultural do colonialismo português. Neste momento, António de Assis Júnior³ será o principal representante, mas conforme a tomada de consciência dos angolanos vai tomando forma, estas manifestações vão se radicalizando cada vez mais. Se o grito de liberdade nas revistas e jornais não estava sendo ouvido, era chegada a hora de pegar em armas e lutar pela libertação de Angola.

Durante a década de 40, o sistema literário angolano foi consolidado através do movimento “Vamos descobrir Angola”, encabeçado por António Jacinto e Agostinho Neto. Começa aí a formação de uma luta não só intelectual, mas também de força armada, como aponta Manuel Jorge:

Quando, nos anos 1940, os jovens intelectuais angolanos lançam a palavra de ordem: “Vamos descobrir Angola”, as premissas estão criadas para a passagem da resistência cultural não armada à resistência cultural armada. Com efeito, é esta geração de jovens escritores que nos finais dos anos 1950, constando o impasse a que conduz a resistência não armada, não se contenta já a partir “à descoberta de Angola”. Como as portas estavam sistematicamente fechadas pelo colonizador português, estes jovens decidem abrir uma brecha pela força (JORGE, 2006, p. 4).

³ Advogado, jornalista e escritor angolano, uma das figuras de maior relevo na vida intelectual de Angola.

Se antes os africanos procuravam defender suas raízes e marcar seu lugar na sociedade como donos de sua nação, estes movimentos eram muito pontuais e de momento, mas a partir da tomada de consciência que surge com a imprensa e a literatura, esse grito de independência ganha coro e se firma. Embora o poder colonial tenha assolado esses países por cinco séculos e provocado o apagamento cultural que talvez nunca seja reparado, o rasgo causado pelos portugueses fez nascer a literatura que vem para tentar completar as lacunas deixadas pelo tempo, como lembra Vera Maquêa: “A colonização introduziu uma fissura no mundo colonizado. A literatura surge desse rasgo, na fronteira móvel de culturas flutuantes [...]” (MAQUÊA, 2010, p. 47).

Em Angola, esta guerra de independência durou treze anos, de 1961 a 1974. O escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, conhecido como Pepetela, foi uma das vozes que se alteou na literatura angolana para tornar real o desejo de independência. Este enfrentamento se deu não somente na esfera literária, mas também nos campos de guerra. Nascido em Benguela, em 29 de outubro de 1941, o autor iniciou sua carreira acadêmica em Lisboa a partir de 1958. Lá frequentou o Instituto Superior Técnico, momento em que passa a participar ativamente de atividades literárias e políticas na Casa dos Estudantes do Império⁴.

Devido o seu envolvimento político, Pepetela mudou-se para Paris, onde permaneceu por seis meses. Seguiu para Argélia, e lá se licenciou em Sociologia. Em 1963, o autor tornou-se militante do Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, atuando na luta armada contra os portugueses. No MPLA, além de trabalhar como representante e guerrilheiro Pepetela também foi responsável pelo setor de educação. Sua primeira luta armada se deu na região de Cabinda, em 1969. Após a independência, foi nomeado vice-ministro da Educação do governo de Agostinho Neto (1975), posteriormente não exerceu outros cargos públicos, lecionou na Universidade Agostinho Neto e em 1997 recebeu o Prêmio Camões.

O marco inicial da carreira de escritor de Pepetela ocorre em 1972, quando foi transferido para Frente Leste e escreveu seu primeiro livro publicado, *As Aventuras de Ngunga*, embora tenha escrito anteriormente dois romances, estes só foram apresentados ao público após a independência de Angola. Trata-se de *Muana Puó*, escrito em 1969 e publicado em 1978 e *Mayombe*, escrito entre 1970 e 1971, publicado em 1980. O primeiro narra a luta pela liberdade travada pelos morcegos que são dominados pelos corvos, além da

⁴ A Casa dos Estudantes do Império foi uma instituição estatal criada em 1944 pelo regime salazarista. Funcionava como uma república para abrigar os estudantes das colônias portuguesas que vinham estudar na metrópole. Mantinha uma sede em Lisboa, com unidades autônomas em Coimbra e no Porto.

história de amor vivida entre dois morcegos em meio à guerra. As duas histórias são inspiradas pela simbologia duma máscara da etnia angolana Tchokwé. Em *Mayombe*, escrito enquanto o autor operava como guerrilheiro, Pepetela trata do cotidiano dos combatentes angolanos na guerra colonial contra os portugueses. É uma das obras de maior prestígio do autor. O livro recebeu o Prêmio Nacional de Literatura Angolana no ano de sua publicação.

Ter combatido na guerra colonial fez dos livros de Pepetela mais que obras literárias, são frutos do seu esforço para entender a realidade vivida naquele momento. Os relatos feitos a partir das visitas às bases do MPLA, permitiram-no identificar as dificuldades dos guerrilheiros e das famílias que estavam ali. Nesse contexto nasce *Ngunga*, publicado em 1973 com recursos dos serviços de cultura do próprio MPLA. A narrativa *As Aventuras de Ngunga* foi criada para servir como material de apoio no processo de alfabetização das crianças do Leste de Angola no período de Guerra Colonial. Sua primeira edição foi mimeografada e tinha como objetivo ajudar as crianças no aprendizado do Português. Inicialmente, não pretendia atender às questões estéticas, mas sim à necessidade de um material de apoio para as crianças lerem em sua língua materna, o Mbunda. Pepetela conta, em entrevista cedida à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, através do Centro de Investigação para Tecnologias Interativas (CITI), como foi este processo de criação:

O *Ngunga* não ia ser livro. Eu estava no Leste e estava a fazer um levantamento das bases do MPLA, pela primeira vez ia-se saber quantas bases havia, quantos homens havia, quantas armas... Eu ia de base em base e ao mesmo tempo acompanhava o ensino [...] comecei também a aperceber-me que os miúdos só tinham os livros da escola para ler o português, conclui que era preciso fazer textos de apoio, é aí que começa o *Ngunga*. Eram textos muito simples que pouco a pouco se iam tornando mais complexos. [...] Quando acabei cheguei à conclusão que aquilo era uma estória, dei-lhe um fio condutor e mais tarde decidimos publicá-lo.⁵

Embora tenha emergido por motivações políticas e educativas, a obra de Pepetela não se desprende da arte literária. Ainda que o livro tenha surgido com interesse pedagógico, sua aceitação como parte da literatura angolana é ecoada em todos os cantos. Isto se dá não

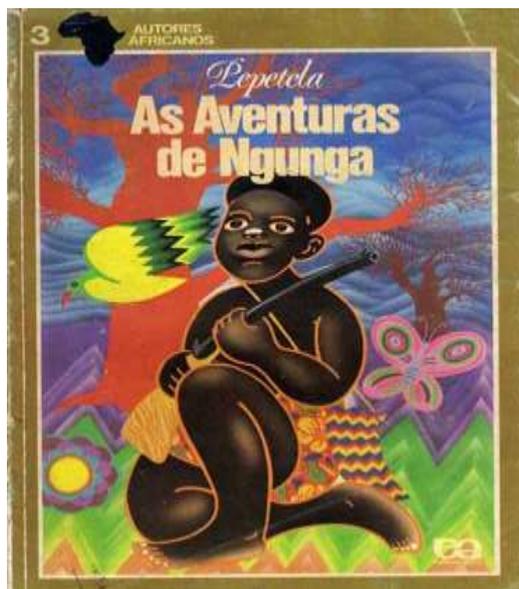
⁵ Disponível em: <<http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/pepetela/ngunga.html>> Acesso em: 08 nov.2017.

apenas pelo tema abordado, mas pelo significado da obra de modo geral, como bem pontua Rolon (2011):

No cenário da literatura contemporânea africana de expressão portuguesa, verifica-se que as obras trazem inscritas as manifestações culturais dos povos oriundas dos conflitos de guerra e das mudanças geradas após a independência, com isso a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação (ROLON, 2011, p. 111).

O livro considerado um precursor da literatura Infantojuvenil angolana carrega o peso da guerra vivida pela nação durante o processo de independência. Ao dar vida a Ngunga, Pepetela revela o interior das batalhas, as dificuldades enfrentadas pelos angolanos além de denunciar os abusos exercidos pelo colonizador. Abaixo observamos a primeira capa do livro lançada no Brasil.

Figura 1: Capa do livro *As Aventuras de Ngunga*



Fonte: Editora Ática, 1980.

As Aventuras de Ngunga narra a história de um pioneiro de treze anos que, após perder os pais em uma luta contra os colonialistas e ter sua única irmã levada pelos portugueses, encontra-se sozinho no mundo e passa a caminhar errante entre as aldeias. A partir daí Ngunga tem novos objetivos de vida: tornar-se um guerrilheiro do MPLA e lutar pela libertação de Angola, bem como vingar a morte de seus pais. Ao longo de sua viagem o

menino conhece as mazelas de seu país, a pobreza de seu povo e a corrupção que empurra a nação para trás. O pequeno viajante amadurece ao longo dos 29 curtos capítulos e torna-se o espelho do que representa, para o autor, o ideal de um guerrilheiro.

A obra de Pepetela vai muito além do diálogo entre literatura e história. Há uma preocupação constante com a crítica social. O autor não se limita a criar uma narrativa ficcional. O compromisso em trazer para a superfície problemas de sua nação que necessitam ser repensados e discutidos está presente em todo o texto. Através de suas personagens, Pepetela dá voz aos angolanos silenciados ao longo dos séculos pelo colonizador e que, por muitos anos, tiveram sua herança cultural apagada para que a identidade europeia fosse assimilada.

Para a discussão da obra *As Aventuras de Ngunga*, propõem-se uma análise sob dois pontos: 1) a importância da obra com essa temática da guerra colonial para a literatura angolana; 2) o modelo de guerrilheiro idealizado por Pepetela para ser apresentado aos combatentes em potencial. Esses dois pontos serão discutidos a partir do cenário no qual se encontrava Angola no momento de escrita da obra.

2. A importância da obra de Pepetela na Literatura angolana

O processo de libertação de Angola movimentou diversos campos que iam além das frentes de batalhas. Dentre estes destacam-se a imprensa, a literatura e demais expressões artísticas que trabalhavam em função de informar e documentar este período. A Fundação Dr. António Agostinho Neto (FAAN) mantém em seu portal *online* informações sobre a guerrilha que contribuem para a manutenção da história. Já no campo literário, um grande contribuinte da documentação historiográfica é o autor João Brandão com a obra *Cronologia da Guerra Colonial* (2008), que narra, por meio de uma linha do tempo, os fatos ocorridos em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique no período de 1961-1974.

De acordo com o portal da FAAN,⁶ a guerra colonial em Angola tem seus primeiros indícios em janeiro de 1961 com aquele que é considerado até hoje por muitos historiadores um dos principais marcos da luta de libertação nacional contra o jugo colonial em Angola.

⁶ Disponível em <http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=843:baixa-de-cassange&catid=37:noticias&Itemid=206> Acesso em: 29 nov.2017.

Trata-se do Massacre da Baixa do Cassange, no Distrito de Malanje, localizado no norte do país. Naquela época, de acordo com o governo angolano, a região abrigava cerca de 150 mil habitantes. Em 03 de janeiro de 1961, soldados portugueses dispararam contra os agricultores dos campos de algodão que iniciavam um movimento grevista. Eles protestavam contra os impostos abusivos cobrados pelas autoridades coloniais e o baixo preço pelo qual era vendido o produto. Inconformados com as condições de trabalho as quais eram submetidos, os camponeses recusaram-se a aceitar em outubro de 1960 as sementes de algodão que deveriam ser plantadas em janeiro do ano seguinte, dando início ao motim que explodiria mais tarde.

. As precárias condições de trabalho, o fato de serem obrigados a contrair dívidas para pagar os impostos, a constante repressão somada à influência da recente independência do Congo (junho de 1960), foram os principais motivos que suscitaram a revolta dos agricultores, o que resultou na destruição de plantações, pontes e casas. Como resposta, os portugueses atacaram de maneira violenta, enviando homens armados que dispararam contra os agricultores, além de bombas incendiárias lançadas de Aviões da Força Aérea Portuguesa – FAP, o que resultou na morte de 200 a 300 pessoas. Este acontecimento provocou a fuga de milhares de angolanos para países vizinhos. Em Angola, este dia é lembrado como o Dia dos Mártires da Baixa do Cassange e é considerado o despertar da consciência patriótica e da unidade dos angolanos na luta pela liberdade da nação.

Segundo Brandão (2008), em 04 de fevereiro de 1961, cerca de 200 homens do MPLA munidos com armas artesanais desencadearam uma série de ataques simultâneos na cidade de Luanda. O objetivo era libertar presos políticos da Casa de Reclusão Militar, da cadeia da PIDE⁷ e da 7ª Esquadra da Polícia de Segurança Pública – PSP. Além disso, tentaram ocupar a emissora estatal de rádio em Angola. Esses confrontos levaram à morte de quarenta homens do movimento e alguns policiais. O MPLA considera o dia 04 de fevereiro de 1961 como sendo o início da luta armada em Angola. Para Portugal, a data é 15 de março deste mesmo ano, dia em que integrantes da União das Populações de Angola – UPA, realizam ataques sangrentos contra os colonos portugueses em dezenas de distritos de Luanda e Cuanza Norte. Em resposta, Salazar envia tropas para Angola para acabar com os motins. A guerra colonial só teve fim em outubro de 1974, logo depois Angola se tornaria finalmente independente, em 15 janeiro de 1975.

⁷ Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) foi a polícia política portuguesa entre 1945 e 1969, responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político vigente.

É neste contexto histórico que Pepetela dá vida a Ngunga, esse pequeno herói que luta em nome de um país e de um povo. Logo no início da narrativa, ao apresentar a sua personagem central, o autor mostra uma das consequências mais comuns dos conflitos, realidade vivida por muitos miúdos africanos: a existência de crianças órfãs de guerra:

Ngunga é um órfão de treze anos. Os pais foram surpreendidos pelo inimigo, um dia, nas lavras. Os colonialistas abriram fogo. O pai, que já era velho, foi morto imediatamente. A mãe tentou fugir, mas uma bala atravessou-lhe o peito. Só ficou Mussango, que foi apanhada e levada para o Posto (PEPETELA, 1981, pp. 5-6)⁸.

Pepetela conduz o leitor a adentrar no cenário de guerra colonial no interior de Angola e conhecer a realidade daquela época. A partir do momento que Ngunga inicia sua trajetória a procura de um novo caminho, pode-se dizer que é o mesmo tempo em que Angola tenta tomar também as rédeas de seu futuro. A importância desta obra para a literatura angolana se reflete nas palavras de Campos (2002), quando afirma que “A cena literária angolana traduz muito bem o sonho de liberdade dos guerrilheiros escritores e assim, num momento histórico dramático para o povo angolano, nasce *As Aventuras de Ngunga*” (CAMPOS, 2002, p. 230).

Pepetela constrói uma metáfora na trilha percorrida por Ngunga. O fio condutor dado à narrativa está presente nas viagens do protagonista pelos bastidores da guerra. São essas experiências de aprendizagem da identidade nacional angolana, o amadurecimento de Ngunga que metaforizam a construção da História de Angola que cresce junto com o pioneiro nesse processo de busca pelo autoconhecimento, compreensão dos valores revolucionários e desencantamento com a realidade.

Por conhecer de perto as dificuldades do MPLA e as necessidades mais profundas do movimento, Pepetela aproveita as páginas da sua obra para apontar os comportamentos que poderiam contribuir para o bom funcionamento da luta, além de denunciar as práticas que prejudicam o trabalho dentro do Partido. Estas situações são externadas à medida que o autor apresenta as situações vividas por *Ngunga* que, por diversas vezes, é confrontado com a corrupção, mentira e egoísmo dos que o cercam. Estes casos são representados, sobretudo, na

⁸ A partir daqui todas as citações do livro *As Aventuras de Ngunga* serão referenciadas apenas pelo número da página correspondente.

personagem do chefe Kafuxi.

É oportuno citar o fato de que o personagem principal da novela de Pepetela é uma criança. A figura infantil está muito presente na literatura angolana e esse fato é fundamental para a construção do enredo, uma vez que o público alvo seria justamente os guerrilheiros em potencial, além de se tratar de uma narrativa infantojuvenil.

Existem dois grandes objetivos para esta obra. Primeiramente a busca pela identidade nacional, no sentido de despertar o sentimento de “angolanidade”, descrito por Manuel Jorge (2006), como “a substância nacional angolana”, que de acordo com o crítico constitui-se em “dois fundamentos: um político e outro cultural” (p.8). Na esfera política, aparece como instrumento necessário para conscientização da luta armada por um povo colonizado para restabelecer a soberania da nação. Culturalmente, este fundamento deseja um retorno às origens africanas e ao mesmo tempo à rejeição a toda cultura europeia. Nesse ponto destaca-se o lugar dado aos portugueses nessa narrativa que não passam de meros figurantes sem direito a nomes, reduzidos a cargos e patentes, ou seja, colonizador não tem significação no combate dos angolanos. Como segundo ponto, destaca-se a formação do guerrilheiro de excelência que será discutido mais adiante.

No que tange ao papel do narrador na obra *As aventuras de Ngunga* cumpre dizer que é narrado em 3ª pessoa e assim como um *griot*⁹, conta a história em linguagem simples, mas com um tom épico. Pelo fato de o personagem protagonista ser uma criança sem estudos e que ainda está construindo a sua história, o papel do narrador torna-se fundamental para que a narrativa não se desenvolva como um conto infantil, mas sim uma aventura destinada a jovens inseridos em um contexto de guerra. Desta forma, Pepetela usa o seu texto como uma espécie de chamado para a luta: “O texto afirma-se como um grito de convocação, como um apelo de adesão às forças revolucionárias e, por isso apresenta uma personagem-símbolo do que o homem africano pode fazer pela sua terra” (CAMPOS, 2002, p. 232). Compreendida a importância da obra em análise para a literatura infantojuvenil angolana, partiremos para a compreensão da obra como um manual do guerrilheiro, exemplo espelhado na vida de Ngunga.

⁹ Eram indivíduos que tinham o compromisso de preservar e contar histórias para o seu povo e, desta forma, transmitir conhecimento e valores.

3. O manual do guerrilheiro representado em *As aventuras de Ngunga*

A obra de Pepetela caracteriza-se pelo seu cunho pedagógico e isso é entendido desde os primeiros capítulos. O autor deixa claro seu intuito ao contar às circunstâncias que deram vida a obra. Para além da cartilha que ensina a ler, a narrativa traz na figura da criança um modelo de guerrilheiro que carrega todas as qualidades necessárias para que o país prossiga na luta armada. Destemido, de caráter reto, honesto e leal aos seus preceitos, assim Ngunga é apresentado aos pioneiros do interior da floresta. Quando se percebe o contexto geral da obra, logo compreende-se a necessidade da utopia criada pelo autor. Angola estava em guerra e por isso era necessário que bravos homens levantassem em favor da nação. A ideia de utopia surge a partir do momento em que Pepetela idealiza um guerrilheiro de caráter imaculado, imbuído de todas as virtudes que salvariam Angola.

Dizer que o autor reflete sobre o país enquanto escreve é muito raso, dada toda a complexidade de sua obra na literatura angolana. Mais que reflexão, Pepetela dialoga a literatura com a realidade. Nesse prisma, a pesquisadora São-tomense Inocência Mata, uma das grandes estudiosas da obra de Pepetela, apresenta em seu artigo *Pepetela: Um escritor (ainda) em busca da Utopia*, a ideia que o escritor passa em suas narrativas, que não se limita a uma expressão ideológica, mas sim um posicionamento problematizador. Para a referida crítica,

A obra de Pepetela, com efeito, revela uma força dialógica intensa com o contexto de que emerge: um diálogo extremamente ativo entre o *país vivido e vivenciado pela consciência coletiva e filtrada pela consciência individual* do escritor, entre o país ideal e o país real (MATA, 1999, p. 244, *grifo do autor*).

O modelo de guerrilheiro idealizado por Pepetela é assinalado logo no início da narrativa. Na história, um dos melhores amigos de Ngunga chama-se Nossa Luta, é ele quem cuida do menino após a morte dos pais. Com o país em guerra, Nossa Luta junta-se aos outros combatentes e acaba morto pelos tugas¹⁰. Nota-se aí a intensão do autor em nomear de “Nossa Luta” aquele que se voluntaria a lutar pela libertação de seu país mesmo sabendo que o seu fim pode ser a morte. Nesse pensamento, por tratar-se de um ideal comum, vale abdicar da

¹⁰ Assim eram chamados os portugueses pelos angolanos, no sentido negativo.

própria vida para fazer valer os direitos do coletivo. Por isso passou Pepetela e outros autores que também combateram¹¹.

Ngunga exalta a todo o momento a coragem de seu amigo, destacando sempre o desejo de tornar-se como ele. Mas além de um referencial de guerrilheiro o autor deseja que o povo angolano, leitor em potencial, sinta-se representado. É preciso que se reconheça na história de Ngunga, pois são as referências culturais angolanas que permitem desenvolver o sentimento de pertença. Essa é uma das principais características que aproxima as personagens da ficção de Pepetela do povo angolano. Embora existam diferenças entre si e até mesmo rixas entre as tribos, todos possuem algo em comum: o desejo de libertação, os angolanos não aceitam o julgo do colonizador.

O personagem Ngunga é apresentado no início da obra como qualquer criança. Ele tem medo de coisas simples, como fazer um curativo no pé machucado, por exemplo:

- Um homem não se queixa, Ngunga.
- Mas eu sou ainda pequeno – respondeu ele.
- Vives como um homem livre e já tens idade de ir para escola. Bem, vamos tratar esse pé.
- Que remédio vai pôr? Arde muito?
- Não. Não tenhas medo, um homem nunca tem medo. Como é? Vieste sozinho à noite da tua aldeia. Agora vais ter medo do tratamento?
- Não tenho medo – disse o Ngunga. – Mas não gosto quando o remédio arde (p.7).

Com isso, o autor cria um vínculo entre o leitor e a criança personagem, de modo que tal público possa se reconhecer em Ngunga. Mas este menino com ares de miúdo logo vai dando lugar ao mini-herói construído por Pepetela. Durante sua passagem pela Kimbo¹² do Presidente Kafuxi, Ngunga apresenta as primeiras atitudes de um bravo homem.

Kafuxi é o responsável por um grupo de aldeias, dentre suas funções estava revolver os problemas do povo de modo geral, além de organizar o reabastecimento dos guerrilheiros, mas isso não acontece. O homem possuía três esposas, estas trabalhavam na plantação e *Ngunga*, depois que passou a morar com eles também, ajudava além de acumular outras tantas tarefas. Neste cenário, o viajante tem seu primeiro contato com a corrupção, pois Kafuxi não repassava aos guerrilheiros a parte devida, ao contrário, escondia para si e o

¹¹ Agostinho Neto, Luandino Vieira, Viriato da Cruz e Mário pinto de Andrade foram alguns dos nomes de destaque da literatura que estiveram nas guerrilhas de libertação.

¹² Povoado, aldeia (quimbo).

mínimo dispensava aos combatentes.

Ngunga vê aquilo com maus olhos, afinal ele também contribuía para o sustento desses homens, pensava no amigo Nossa Luta, que estava em algum lugar lutando pela liberdade do país. Ao se deparar com esta situação, o menino decide enfrentar o egoísmo de Kafuxi. Durante a visita do comandante do esquadrão, *Ngunga*, já chateado de tanto sofrer nas mãos da família que o abrigava, decide partir, não sem antes revelar o caráter mesquinho do dono da casa:

Ngunga não falou. Começava a perceber que as pessoas nada valiam. Foi ao celeiro, encheu uma quinda grande com fubá, mais um cesto. Trouxe tudo para o sítio onde estavam as visitas e o presidente Kafuxi. Sem uma palavra, poisou a comida no chão. Depois foi à cubata arrumar as suas coisas (p.16).

Nasce então um Ngunga contestador. Nesse momento, percebe-se o despertar da identidade da personagem. O protagonista percebe que é necessário tomar atitude para mudar as condições ao seu redor e, mesmo mantendo-se calado, enfrenta o poder do chefe da aldeia confrontando-o. Roberta Assis, em sua dissertação de mestrado, compara esse momento a um rito de passagem:

As aventuras de Ngunga nos coloca diante de um verdadeiro rito de iniciação. Da mesma forma que o país cresce de acordo com a sua luta, o menino, ao caminhar pelo interior de Angola, enfrentando seus medos, também cresce, desenvolve-se e se descobre como um novo homem. O crescimento de Ngunga, seus aprendizados e suas contestações o inserem em um contexto maior, um contexto de coletividade que representa a construção do país como um território livre. Assim, a condição do indivíduo se relaciona a grupos maiores [...] (ASSIS, 2008, pp.58-59).

Depois de sua frustração com Kafuxi, o pioneiro continua sua peregrinação: “Mais uma vez, Ngunga pôs o saquito ao ombro e viajou” (p. 16). Ele desejava conhecer outras pessoas, questionava-se se todos eram maus como Kafuxi. Quando Ngunga conhece o Comandante Mavinga, que o coloca para estudar, dá-se início a uma grande virada na vida do protagonista. A escola tem um papel de grande importância para os colonizados, além de representar o lugar de aprendizagem para Ngunga. Esta escola não é obra das mãos dos portugueses, não está ali para formar meros assimilados que reproduzem a cultura europeia. A

escola de Ngunga em nada se parece com a escola presente no conto *A Menina Vitória*¹³, de Arnaldo Santos, uma vez que aquela foi criada pelo MPLA.

Ngunga surpreende-se ao ver que o ambiente que tanto relutava conhecer era algo totalmente diferente: “[...] imaginara-a de outra maneira. Também o professor o surpreendeu, julgava que ia encontrar um velho com cara séria. Afinal era um jovem, ainda mais novo que o Comandante, sorridente e falador” (p. 23).

Pepetela subverte a ideia de escola criada pelos portugueses. Ao conhecer o professor União, Ngunga ganha muito mais que um mestre, ganha um amigo que lhe ensinará mais que lições de letras, lhe passará o conhecimento da vida e será um grande contribuinte para a transformação do menino em homem. Atenta-se aqui a importância dada ao espaço escolar, visto que, por muito tempo, as crianças angolanas do interior tinham acesso limitado ao ensino, e as poucas que conseguiam chegar à escola recebiam uma educação totalmente europeia.

Para o autor, o papel do MPLA foi crucial no meio educacional, pois atuava na necessidade das crianças das aldeias, oferecendo um ensino em língua materna e, por mais precário que fosse o espaço físico, este se apresentava com um ambiente que se propunha a ensinar as letras e a resistência ao colonizador. Havia um esforço para formar militantes, políticos conscientes do seu papel no movimento e das propostas por eles apresentadas. Mas esse papel educador nunca se distancia da função bélica, pois é o próprio professor União que ensina Ngunga a atirar, o que naquele momento era crucial para a sobrevivência, tanto para matar um animal para comer quanto para matar o inimigo.

Durante o convívio com União, Ngunga aprende a atirar e essa é a lição que ele mais ansiava. Nesse momento, também conhecemos outra personagem que será importante para o amadurecimento de Ngunga, Chivuala, o rapaz que mora com União, na escola, e passa a dividir a atenção do professor com o novato. Chivuala é um jovem violento, ganancioso e mentiroso, mas Ngunga acredita que isso significa que ele não é mais criança: “- O Chivuala já é quase um homem. É por isso que começa a ficar mau e invejoso.” (p. 29).

O pioneiro passa a perceber que, assim como existem homens maus como Kafuxi, também existem crianças perversas iguais a Chivuala. Avaliando essa personagem, identifica-

¹³Localizado no livro *Kinaxixe e outras prosas* (1981), do escritor angolano Arnaldo Santos, o conto discute a supremacia racial branca e a inferioridade dada ao negro.

se o contraste lançado pelo autor, quando comparado com Ngunga. O jovem de quinze anos espelha em seu caráter tudo o que não contribui para o bem da comunidade e, por esse motivo, é mandado embora da aldeia pelo professor, deixando claro que esse tipo de comportamento não é tolerado dentro do movimento de libertação. Por seu turno, Ngunga apresenta-se como o oposto, o verdadeiro exemplo de angolano.

É dentro da escola que acontece o primeiro confronto do menino com a guerra propriamente dita. Um grupo da PIDE ataca a escola do professor União e este conta com a ajuda do garoto para conseguir manter-se vivo. Mesmo em franca desvantagem consegue matar dois soldados da PIDE, mas a munição acaba e os dois são capturados pelos portugueses. Durante o confronto, o miúdo foi incapaz de obedecer ao seu professor, quando pediu que partisse e o deixasse ali. Ele preferiu lutar junto de seu amigo até o fim, como um bravo guerreiro, afinal, ser um membro do MPLA era o seu grande desejo. Ngunga diria a todos o quanto ele e União lutaram até o fim.

Desse modo, é nesse momento em que ele se descobre um combatente e tudo que vivera até ali o preparou para aquele momento. Nasce então o Ngunga guerrilheiro: “As lágrimas corriam dos olhos cegos de Ngunga. Não era medo. Era só raiva de não ter uma granada. União, adormecido não sentiu nada do que se passou. Mas Ngunga sofreu toda a humilhação da derrota” (p. 33).

Após serem capturados, os dois são levados ao posto da PIDE. Lá o menino tem a segunda decepção com seu semelhante. Ao encontrar o camarada Chitangua que estava na mesma cela, Ngunga descobre que este foi o responsável pelos ataques ao Kimbo da escola. Pressionado pelos tugas, o homem indicou o local onde ficava União em troca de liberdade. Ngunga não acredita o quanto um homem pode ser tão covarde: “- Então você é que nos traiu? Foi mostrar o sítio? – Que queres? Senão iam bater-me, talvez matar-me... Ngunga não respondeu. Um homem tão grande, cheio de força. Um covarde!” (p. 34).

Ao contrário de Chitangua, União resistiu bravamente ao interrogatório dos portugueses. Ele foi incapaz de entregar o Comandante Mavinga. Pepetela, mais uma vez, usa o comportamento de uma personagem para espelhar de que forma deve se portar aquele que decide lutar na guerra: jamais trair um membro do movimento.

Após União ser enviado ao Luso, Ngunga decide que é hora de partir. Ele que até então só conhecia a Guerra pelas palavras dos que narravam os acontecimentos, agora

vivência na pele os conflitos, primeiramente no ataque à escola, o abrigo nas trincheiras e a morte dos policiais. E depois, prestes a fugir e com um plano em mente, o pioneiro tem seu desejo de vingança motivado por um desejo ainda maior, o de libertação. A representação de União para Ngunga, de ideal a ser seguido, é o que Pepetela pretende transmitir ao leitor angolano durante a sua formação político-militar.

Antes da fuga, Ngunga atira contra o chefe da PIDE e recupera as armas do movimento, capturadas pelos colonizadores, outra lição é aprendida: o inimigo deve ser morto, sem direito a segunda chance:

Ngunga saiu da cozinha e entrou na sala onde estava o chefe da PIDE. Este escrevia na mesa. A pistola estava pendurada na parede. Ngunga pegou nela e apontou-a para o branco. Ele ouviu o barulho e virou a cabeça. A primeira bala atravessou-lhe o peito. A segunda foi na cabeça. Ngunga foi ao quarto, apanhou a G3 e a FN que lá estavam. Com as três armas saiu de casa e meteu-se na noite (p.39).

As últimas palavras ditas pelo professor União ecoam em sua mente: “Nunca te esqueças de que és um pioneiro do MPLA. Luta onde estiveres, Ngunga!” (p.38). Em meio aos conflitos daquele momento, entende-se que o sentimento de revolta suscitado no protagonista foi o combustível para prosseguir contra a polícia portuguesa. Desta forma o autor transmite ao leitor a necessidade de unir-se aos demais guerrilheiros na luta contra a colonização, conforme a ideia apresentada por Campos:

Pepetela redimensiona sua prática revolucionária ao ultrapassar os limites do campo de batalha e lança seu apelo de adesão à luta pela independência a todos os seus irmãos angolanos. *As Aventuras de Ngunga* reafirma a realização de seu projeto político-ideológico-literário, espelhando a habilidade do escritor e a convicção do combatente. Seu herói não escapa ao humano e trágico destino de todos os mortais, mas expõe em seu itinerário cada etapa por que deve passar o homem na conquista de seu autoconhecimento (CAMPOS, 2002, pp. 235-236).

O caráter pedagógico da obra de Pepetela está em cada página do livro. Enquanto procura descrever um modelo de guerrilheiro, baseado no seu convívio interno com o MPLA, o autor também não deixa de criticar e denunciar o próprio movimento. Isso acontece durante

a passagem de Ngunga pelo Kimbo de Kafuxi, e também acontecerá mais a frente, quando ele chega à sessão do Comandante Avança, homem invejoso e cruel que tinha rixa com Mavinga. Aliado a isso, Pepetela também traz à discussão as tradições daquele povo. Em vários momentos é possível observar essas tradições ora sendo reforçadas, ora sendo contestadas.

Um dos exemplos de contestação das tradições acontece quando Ngunga se apaixona por Uassamba, esposa do chefe Chipoya, homem que abriga Ngunga após o protagonista fugir da PIDE. Aqui, já estamos diante de um Ngunga carregado de experiências, praticamente um soldado formado. Nesse momento, ele se depara com um novo sentimento, o amor. Apaixonado por Uassamba, menina jovem como ele e que corresponde aos seus sentimentos, o pequeno guerrilheiro a convida para partirem juntos. A moça vê-se de mãos atadas, uma vez que seu marido já pagou o alambamento¹⁴ para sua família, a qual sofreria graves consequências no caso de fuga da garota, além de jamais poder devolver o valor pago:

– Mas... tu gostas dele? Daquele velho?

– Pagou o alambamento. A minha família quis, ele é secretário, tem muitas lavras... Não, não gosto dele. É velho, é feio, é mau. [...]

– Tu vens comigo. Vamos fugir.

Ela não respondeu logo. Pensou, pensou, riscando a areia com o pé.

– Como vamos viver? – perguntou ela.

– Eu não vivi até aqui? Viveremos os dois da mesma maneira.

– Não posso. Não posso – disse ela. – A minha família já gastou o alambamento. Depois terão de o devolver. Os meus pais são velhos, nunca poderão arranjar esse dinheiro (p. 52).

Neste momento, o pioneiro se encontra diante de uma das situações mais difíceis em toda sua saga: Como iria lutar contra a tradição de seu povo? Como iria combater esse costume? E nas palavras de miúdo nasce, então, o Ngunga sociológico, que se forma a partir da interação com a qual pode concordar ou não: “- Hei-de lutar para acabar com a compra das mulheres – gritou Ngunga, raivoso. – Não são bois!” (p. 54).

Deste modo, é possível observar que não é somente o ambiente escolar o responsável pelas consideráveis mudanças na vida do pioneiro. Em *As aventuras de Ngunga*, toda a narrativa percorre o caminho do aprendizado e mostra a formação do menino lado a lado com a da nação. Ambos demonstram a necessidade de reconstrução ou a revisão de algumas tradições.

¹⁴ Espécie de dote.

Ao fim desta jornada aquele, que no início da obra era apenas uma criança com medo de um curativo, agora se mostra um destemido guerrilheiro. Conformado em não poder ter Uassamba, Ngunga parte sem se despedir de ninguém e some pelo mundo. O ciclo se fecha e as lições de Ngunga são deixadas nas páginas desta narrativa que nasce como cartilha de alfabetização, mas que assume o papel de manual não somente das letras, mas de um meio de encontrar a identidade angolana e de formar a personalidade daqueles que lutariam por Angola.

Aos guerrilheiros fica o manual de comportamento: compreender e reconhecer os aspectos morais, sociais e políticos a serem seguidos. Ao idealizar o modelo de combatente espelhado em Ngunga, Pepetela acreditava na utopia de que o fim da guerra colonial traria vida nova a Angola. Embora tenha se libertado do colonizador, a nação prosseguiu em guerra, agora Civil, até o ano de 2002.

As virtudes de Ngunga não foram suficientes para apaziguar a nação que sofria por tantos anos. No entanto, entendemos com a trajetória do personagem que ele não é apresentado guerrilheiro formado desde o início, tampouco se concretiza no fim, mas as mudanças são perceptíveis. Assim também será Angola. O país apresentado nos primeiros capítulos da narrativa não é o mesmo no capítulo final. Este está mais próximo da independência, mais consolidado como nação, assim como Ngunga que finaliza a novela como um pioneiro que vivenciou os conflitos de perto, lidou com o lado mais obscuro do ser humano e, ainda que erre, está consciente do seu papel enquanto angolano.

Ao construir essa personagem, Pepetela reafirma seu compromisso com a História não como historiador, pois este não é o seu papel, mas como escritor que transforma a realidade ao seu redor para inseri-la na sua literatura. Como diz Inocência Mata, Pepetela escreve Angola acompanhando suas mudanças:

O lugar fundamental de Pepetela na literatura angolana advém do fato dele ser um escritor que continua na *senda de escrever o país*, acompanhando as transformações sociopolíticas e culturais do país, antecipando até as discussões mais incômodas. É no fundo um trabalho sobre a História, uma constante na obra de Pepetela desde *As Aventuras de Ngunga* [...] (MATA, 1999, p. 245).

Quando contribui com a literatura infantojuvenil angolana com livro *As Aventuras de Ngunga*, Pepetela também entrega à nação uma narrativa ficcional dos bastidores da guerra

colonial. Nesta perspectiva destaca-se a extensão do conjunto de sua obra que desde os primeiros escritos contam a história do país com riqueza literária, cumprindo sua função estética enquanto obra, mas sem abandonar o seu papel social na construção da identidade nacional.

Considerações Finais

Pepetela, ao escrever *As aventuras de Ngunga*, vai muito além do seu objetivo inicial – ajudar crianças do Leste a ler e escrever – o peso de sua escrita não suporta limites impostos, ele tem vida própria, vai além. A literatura é uma arma que o autor sabe usar com maestria. Foi do meio literário que surgiu um dos primeiros gritos de liberdade angolano e ele ecoou até chegar a Pepetela, Luandino, Ondjaki e tantos outros escritores célebres. O grito chegou a Ngunga, e veio através do som do disparo dos portugueses que matou seus pais. Ali ele nasceu pela segunda vez e junto com Angola amadureceu e tomou forma de gente grande. Pôde então tomar suas próprias decisões e decidir o seu futuro.

Ngunga é herói na guerra, não podemos negar. Ele não almeja riquezas, não quer honra e poder. Seu desejo é ser livre, viver para ajudar seu país a expulsar o colonizador. A utopia africana presente em muitas narrativas mostra a necessidade de enxergar os sonhos de um povo que, até pouco tempo, não tinha o conhecimento de uma possível independência de pensamento, quanto mais da nação. Enquanto muitos ansiavam um amor de conto de fadas ou riquezas que podem ser conquistadas, a utopia angolana encontra-se naquilo que deveria ser fato e direito na vida de qualquer pessoa: liberdade.

Assim como os guerrilheiros influenciam outros ao seu redor, Ngunga também contribui com suas lembranças e aprendizados. Embora analfabeto, suas atitudes vão de encontro às necessidades da sociedade, seus questionamentos pessoais levam aqueles que cruzam seu caminho a uma reflexão: como construir uma nova nação?

Ngunga é a personificação da libertação que viria dois anos após a primeira publicação da obra. Somente um angolano que viveu na linha de frente desta batalha poderia escrever tal narrativa. Pepetela nos toma pela mão e nos conduz ao interior angolano esquecido até pelos colonizadores, mas ele nos lembra que ali existe um povo corajoso. Então, mais que nos lembrar, ele não nos deixa esquecer jamais o que foi a Guerra Colonial, uma vez que representada nas páginas de sua obra, ela nunca será apagada.

Referências

A REPRESSÃO DA BAIXA DO CASSANGE. Disponível em: <http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=843:baixa-de-cassange&catid=37:noticias&Itemid=206> Acesso 29/11/2017.

ASSIS, Roberta G. F. F. **Descortinando a inocência: infância e violência em três obras da literatura angolana.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

BRANDÃO, José. **Cronologia da guerra colonial: Angola-Guiné-Moçambique, 1961-1974.** Prefácio, 2008.

CAMPOS, Maria do Carmo S. **As aventuras de Ngunga: nas trilhas da libertação.** In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. **Portanto... Pepetela.** Moçambique: Chá de Caxinde, 2002. p. 261-268.

JORGE, Manuel. **Nação, Identidade e Unidade Nacional em Angola - Conceitos, Preceitos e Preconceitos do Nacionalismo Angolano.** Disponível em: <http://www.revues-plurielles.org/uploads/pdf/17/28/17_28_02.pdf> Acesso em: 26.out.2017.

MAQUÊA, Vera. **Memória e poder colonial.** In MAQUÊA, Vera. **A escrita nômade do presente: literatura de língua portuguesa.** São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2010, p. 47.

MATA, Inocência. **Pepetela: um escritor (ainda) em busca da utopia.** *Scripta*, v. 3, n. 5, p. 243-259, 1999.

MATA, Inocência. **Pepetela e as (novas) margens da nação angolana.** União dos Escritores Angolanos. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/242-pepetela-e-as-novas-margensda-na%C3%A7%C3%A3o-angolana.html>> Acesso em: 26.out.2017.

PEPETELA. **As Aventuras de Ngunga.** São Paulo: Ática, 1980.

ROLON, Renata Beatriz Brandespin. **O Ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Currículo Escolar Brasileiro: Algumas Considerações.** *Revista Ecos (Cáceres)*, v. 11, p. 131-139, 2011.